

# A MARGEM DA CARTA

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

## RESUMO

*O interesse por epistolografia continua sendo decorrência de outro trabalho crítico. Mas, uma vez assim deflagrado, suscita outras indagações, como por exemplo a respeito do estatuto da carta dentro dos estudos literários. No horizonte, entretanto, a vigência da carta parece estar ameaçada pelo advento da era eletrônica. São essas reflexões, que o presente trabalho procura desenvolver.*

## RÉSUMÉ

*L'interêt pour l'épistolographie découle souvent d'un autre travail critique. Mais dès que l'on s'y attache, la correspondance pose d'autres questions, comme par exemple, celle du statut de la lettre dans les études littéraires et à l'ère électronique qui semble la menacer comme telle. Le travail qui suit cherche à développer ces réflexions.*

## ABSTRACT

*The interest for the art of writing letters – epistolary – goes on being consequence of another critical work. But, once it is thus initiated, it gives rise to other questions such as the status of letters in literary studies. The life of letters seems to be menaced, in the future, by the electronic era. The present work has the aim of developing these reflections.*

*Todas as cartas de amor são  
Ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem  
Ridículas.  
(Álvaro de Campos)*

## O ESTATUTO DA CARTA

**E**staria Fernando Pessoa visando aquele clássico das letras portuguesas, as cartas de amor da (fictícia) Sórora Mariana Alcoforado ao Caválheiro de Chamilly, quando escreveu estes versos? Ou pensaria, hamletianamente, nas que enviou à eterna noiva Ofélia, redigidas durante bem uma década? Nestas, a destinatária era chamada Bebê, enquanto o remetente se assinava Nininho, às vezes, ou Ibis, até esboçando à guisa de sinete uma ave desengonçada e pernalta, equilibrando-se numa perna só, a outra encolhida. Este croqui viria a se tornar um de seus emblemas pessoais mais notórios. Dentre as bizarrices dessas cartas, não é a menor a argumentação de que Álvaro de Campos desaconselha o noivado.

Entretanto, são inestimáveis para os estudos literários as numerosas missivas (do outro lado do espelho: as suas se perderam quase todas) em que o poeta discute, por exemplo, projetos estéticos com Mário de Sá Carneiro. Sem falar na mais célebre delas, em que elucida a Adolfo Casais Monteiro a origem e a personalidade de cada um dos heterônimos. Incomparáveis em importância crítica, e para não sair da língua portuguesa, ao mesmo tempo que ímpares em nossas letras, são as cartas de Mário de Andrade. Contam-se aos milhares, dirigidas aos principais contemporâneos modernistas, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Rodrigo de Mello Franco, etc., ou mesmo aos da geração seguinte, como Fernando Sabino. "Nenhum outro epistológrafo brasileiro escreveu com tal profusão e com tal originalidade", na afirmação de Drummond.

Certamente, estas não são cartas de amor, nem ridículas. Nelas, Mário aconselha, admoesta, comenta, discorda, prega, teoriza, doutrina, corrige poemas e outros escritos. Apesar de tantas já vindas à luz, ainda as havia à espera de que se cumprissem os

cinquenta anos após a morte em 1945, prazo estipulado pelo missivista para divulgação da correspondência passiva – cerca de 8.000 itens<sup>1</sup>.

Deixando a língua portuguesa, deparamo-nos com outros casos notáveis. As cartas de Madame de Sévigné, que as dirigiu a sua filha Madame de Grignan duas vezes por semana durante vinte-e-três anos, de 1671 a 1694, são consideradas, merecidamente, como um clássico da literatura francesa. A exemplo de Sórora Mariana Alcoforado, é exclusivamente como epistológrafa que ela penetra naquele seletto cenáculo. Aqui deve ser lembrada sua contrapartida inglesa, com quem foi amiúde comparada. Lady Montagu (Mary Wortley, 1689-1762), de notória beleza e espírito, também reputada pelas viagens e excentricidades. Por outro lado, não é essa a atividade que dá renome a Kafka. Apesar disso, mal se pode imaginar o que seria de seus biógrafos e admiradores sem as inúmeras missivas que escreveu, seja à noiva Felice e à amada Milena, seja aquela extraordinária *Carta ao Pai*, afora as endereçadas a Max Brod. Quanto a Proust, já chegam a 22 volumes editados as suas cartas, as quais, ainda não esgotadas, continuam saindo.

Assim, podemos ter nas cartas: 1) Elementos preciosos para a reconstrução de percursos de vida. 2) Fontes de idéias e de teorias não comprometidas pela forma estética. 3) Em certos casos ainda – como os de Madame de Sévigné, Lady Montagu e Sórora Mariana Alcoforado – um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita.

Tais são os pesos que as cartas podem assumir dentro dos estudos literários. Acrescente-se que quem se dedica a esses estudos acaba por tornar-se aficionado de tudo quanto seja não só carta, mas também memórias, diários íntimos, resenhas, rascunhos, biografias, listas de palavras, anotações, manuscritos em geral. Em suma, por qualquer material paralelo à obra literária. O surgimento da genética textual nos anos 80 tem muito a ver com este tipo de impulso, exasperado pela ameaça de obliteração de

---

1. Os autógrafos permanecem sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

versões e variantes trazida pelo uso do computador. Sem esquecer a chamada "cultura do Eu", típica deste *fin-de-siècle* tão narcisista, em que a edição de epistolografia se acopla a uma produção autobiográfica sem paralelos em épocas anteriores<sup>2</sup>.

#### O AMADOR DE CARTAS

Uma coisa é gostar de prototextos e paratextos, tais como cartas; outra, é trabalhar com estas.

Quase sempre, chega-se até às cartas, enquanto tarefa de pesquisa, praticamente por acaso. É um acaso que logo se metamorfoseia em necessidade. Ao interesse, digamos, malsão, pela *petite histoire*, ou seja, pela bisbilhotice, pelo diz-que-diz-que; pelo avesso da obra e de seu autor, vem somar-se o prazer dúbio do *voyeur* – este sim indubitável.

Observe-se que o resgate da epistolografia costuma ser, menos que uma especialidade, uma decorrência de outro trabalho. É assim que ganhamos um bom corpus de cartas quando se organizam *Obras Completas*, como, para citá-las bem distintas, as de Eça de Queiroz ou de Walter Benjamim. As de Euclides da Cunha foram surgindo paralelamente ao preparo da edição crítica, e surpreendiam por serem tantas ainda inéditas, ou outras transcritas por fragmentos.

Aqui, o *voyeur* da epistolografia se descobre esquizóide, com sentimentos divididos. De um lado, sente-se grato, começando por admirar a perseverança e descortino histórico de todos aqueles que cuidaram desses pedaços de papel: preservando-os só para ele. De outro lado, insinua-se uma pulsão de ataque a qualquer obstáculo que se contraponha a esse afã de juntar retalhos. Torna-se imperdoável que uma das mais cruciais missivas, a esclarecer o nó górdio da morte próxima de Euclides, e da qual o original autógrafo subsiste ainda, tenha tido um trecho cortado a tesoura.

---

2. Não é por coincidência que Philippe Lejeune deu a um de seus livros o maldoso título de *Moi aussi* (Paris, Seuil, 1986). V., do mesmo autor, *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1975; e *Je est un autre. L'autobiographie, de la littérature aux médias*, Paris, Seuil, 1980.

O coração do amador de cartas se confrange ante a impossibilidade de reparar o irremediável. É imperativo parar para pensar, como passo necessário para entender – aceitar, jamais – uma tal catástrofe. Cogita-se no gesto admirável dos familiares, ao curvar-se ante a importância dos documentos e abrir mão deles, por mais íntimos e, neste caso, dolorosos, que fossem. Torna-se compreensível, então, uma vacilação residual de resguardo. Mesmo assim, a violência da execução de uma tesourada naquilo que a esta altura está fetichizado aos olhos do amador de cartas fica ampliada e dramatizada pela ânsia de preencher as lacunas e ter um quadro completo. E quase equivale a uma castração. Bem disse Freud, em *Moisés e o Monoteísmo*: “Há na deformação de um texto como que um homicídio. O difícil não é executar o ato mas eliminar as pistas.”

Este é um caso extremo, emblematizando outros em que meros acidentes, como dobras do papel, borrões de tinta, manuseio descuidado, tornam partes ilegíveis.

Mas também é possível, às vezes, operar no limite oposto e, estando vedado ressuscitar magicamente trechos mutilados, recompor cartas inteiras a partir de fragmentos dispersos. Aqui, a operação se aparenta antes ao quebra-cabeça.

É exemplar o destino de um certo lote de epistolografia euclidiana dirigida a Oliveira Lima. Este foi seu correspondente intelectual de eleição nos últimos anos de vida, o que acentua a relevância do lote. Como sempre no que se refere a Euclides, tudo é nimbado pela aura da tragédia a avizinhar-se. E, para o leitor, que dela tem conhecimento *a posteriori* (numa dessas “profeias retrospectivas”<sup>3</sup> do oxímoron que Euclides registrou a outro propósito), tudo se tingue igualmente de um luto particular.

Oliveira Lima, influente diplomata e historiador, correspondeu-se com o *who's who* do Brasil de seu tempo. Tendo sido embaixador em Washington, julgou mais prudente legar seus arquivos pessoais e biblioteca à *Catholic University* daquela cidade, onde

---

3. Borges também se diverte com a idéia, fazendo remontar a Heine a definição do historiador como “el profeta que mira hacia atrás”. Cf. Jorge Luis Borges e Oswaldo Ferrari, *Diálogos*, Barcelona, Seix Barral, 1992, p. 173.

fora professor. Após a morte de Euclides, publicou um longo artigo sobre o amigo, entremeado de citações epistolares, ressaltados os lances de cunho mais pessoal. Nem sempre fica claro no artigo a que data pertence cada transcrição, nem a qual dos textos<sup>4</sup>.

Tempos mais tarde, essas citações foram elas mesmas recortadas - sempre a imagem recorrente da mutilação - do artigo e republicadas em várias coletâneas.

Resultado: quando a transcrição do fragmento tem uma firme precisão de data no artigo de Oliveira Lima, não há problema. Nos demais casos, ou a carta tem sua data seguida de um ponto de interrogação, indicando atribuição conjectural, ou então a terrível rubrica "sem data", esta punhalada no coração do amator de cartas. Foi assim que vários fragmentos de uma mesma carta foram publicados como cartas independentes, enquanto outros foram amalgamados erroneamente numa carta só. Republicadas outras vezes, sempre segundo o mesmo padrão, nunca chegaram a ser cotejadas com os originais autógrafos.

Por outro lado, e independentemente, muitos anos depois esses originais foram editados pelos americanos<sup>5</sup>. Inestimável contribuição, mas que levantou novos problemas.

Quando cotejados os fragmentos publicados e republicados com esta até então inédita, embora não facsimilar, estampa dos originais, a maioria deles se encaixava. Mas, para consternação do amator de cartas, alguns sobravam, e não faziam parte de carta alguma. A montagem redundava no absurdo de um quebra-cabeça totalmente preenchido porém com peças sobressalentes.

Não era a primeira vez que isso acontecia com as cartas de Euclides. A respeito de algumas delas (mas não estas), até se ventilaram suspeitas de fraude, mais tarde desvanecidas graças ao achado de outras, que as corroboravam.

---

4. Oliveira Lima, "Euclides da Cunha (Recordações pessoais)", in *O Estado de S. Paulo*, 3, 6 e 12 nov. 1911.

5. Thomas E. Skidmore & Thomas H. Holloway, "New light on Euclides da Cunha: Letters to Oliveira Lima, 1903-1909", *Luso-Brazilian Review*, VIII, 1, Summer 1971.

No caso daquelas a Oliveira Lima, o encontro de mais quatro originais extraviados no mesmo arquivo de Washington solucionou a questão, permitindo o encaixe e a datação de todos os fragmentos.

Final feliz? Provisório, como sempre. Este tipo de trabalho é inevitavelmente *work in progress*, até a próxima revelação, ou achado.

#### CARTA VS. ELETRÔNICA

O prazer voyeurístico do amador de cartas parece achar-se ameaçado: este amador pode ser uma espécie em extinção, juntamente, com seu objeto.

A carta se apresenta como um meio de comunicação obsoleto. Nota-se um acentuado declínio da prática da epistolografia logo a seguir à popularização do uso do telefone, antes do surgimento de outras novidades. O que, naturalmente, varia conforme o quadrante do mundo, as novidades atingindo os diversos quadrantes conforme ritmos defasados. O assassino é a modernização tecnológica, inimiga das elegâncias *Ancien Régime*. Madame de Sévigné chamava as pessoas que não se dedicavam à correspondência de “*épiciers*”. E, na era eletrônica, observa-se um deslocamento do eixo linear da prosa enquanto forma contínua, ao modo gutenberguiano, para o eixo não-linear e simultaneísta do audiovisual.

Entretando, a carta vem dando mostras de uma vitalidade proteica. Divulgando-se recentemente o uso do fax, as pessoas puderam voltar a escrever a mão, coisa que já tinham abandonado em favor da máquina de escrever, primeiro mecânica e depois elétrica, ou então do computador, este na crista da onda nos anos 80. O fax de certo modo propiciou novo fôlego ao manuscrito, viabilizando queimar as etapas de uma digitação e impressão morosas para pequenas mensagens pessoais. (Isto, até o advento da Internet, cujas conseqüências ainda são imprevisíveis.)

Além da retomada dessa prática, outro indício é uma mudança no caráter das exposições especializadas. Por tradição, as exposições de autógrafos – as delícias do amador de cartas – têm lugar nos espaços nobres das Bibliotecas Nacionais ou dos gran-

des leiloeiros como Sotheby's ou Christie's, enfatizando a preciosidade destes objetos únicos, cheios de aura.

Todavia, a comodidade do fax, somada ao avanço da cultura da imagem, tem revertido a tendência de conceber-se a carta como algo a ser lido, no rumo de algo *a ser visto*. Recente exposição, intitulada *Plis d'Excellence*, retirou inclusive a carta do recinto sacralizado das Bibliotecas Nacionais e dos leiloeiros de luxo, exibindo-a em seu sítio mais pertinente, ou seja, o Correio<sup>6</sup>. Nessa mostra, ficou patente uma nova concepção visual da carta, com sua fisionomia gráfica de caprichado *design*, quase obra de artistas plásticos. Nisso, o fax desempenha, sem trocadilho, um grande papel: porque, combinado com a fotocopiadora colorida, suscita verdadeiras colagens, montagens, *objets trouvés*, *cadavres exquis*, brinquedos de armar, reatando laços com os exercícios lúdicos do Surrealismo. E com uma piscadela cúmplice ao *ready made* e à reprodutibilidade técnica, de Marcel Duchamp à *Factory* de Andy Warhol. Nesse sentido pode vir a ser suplantada, sem expirar de todo mas subsistindo transfigurada, a antiga carta linear.

Talvez, então, a epistolografia não esteja propriamente desaparecendo, mas meramente efetuando uma transferência de suporte e de visualidade, enquanto mantém sua função de comunicação interpessoal.

Hipógrafo<sup>7</sup>:

*"Le style épistolaire  
continue car voici le fax  
les écrits restent et les  
paroles se plaquent au wax."*

(Do album CD *Prose Combat*, do rapper MC Solaar, 1995).

6. Exposição *Plis d'Excellence*, Musée de la Poste, Paris, outono de 1994.

7. "Hipógrafo": por empréstimo de Guimarães Rosa, em "Vida ensinada", *Tutaméia - Terceiras Estórias*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, 3a. ed., p. 188.